

# Reflexões iniciais sobre a alimentação das classes sociais

## *Reflexiones iniciales sobre la alimentación de las clases sociales*

### *Initial reflections on food of the social classes*

Gabrielle Assunção Minuzi<sup>1</sup>

Roselene Moreira Gomes Pommer<sup>2</sup>

#### Resumo

Este trabalho apresenta estudos iniciais sobre diferenças de alimentação entre classes sociais brasileiras, objetivando verificar a existência, ou não, de relações entre o que é consumido, e as classes sociais opostas. A partir de um contexto social dialético e tendo foco no trabalhador, questionaremos sobre o que é comer e beber bem para um trabalhador? A pesquisa visa compreender a questão da qualidade do alimento que é consumido em relação as diferentes classes sociais, consequência da estrutura social capitalista. Como metodologia, utilizou-se a abordagem dialética dos fatos, tendo como ferramenta a análise documental de relatórios técnicos, artigos de periódicos e livros. Através desta análise, buscar-se-á observar, em termos nutricionais, se a qualidade dos alimentos que os trabalhadores ingerem é inferior ou não aos alimentos ingeridos pela classe proprietária dos meios de produção. O ato de comer é caracterizado, também, pelo sistema produtivo e distributivo do modelo socioeconômico. Por isso, buscar-se-á compreender a razão da produção significativa de alimentos e da paradoxal existência da fome endêmica e da disparidade de acesso aos alimentos por boa parte dos trabalhadores. Metodologicamente, se supõe ser possível estabelecer se a produção de alimentos é vista apenas como mercadoria a ser consumida, ou se ela tem uma finalidade social. Nesta mesma direção, se pode verificar a relação possivelmente existente entre a má alimentação, a desnutrição e as doenças a elas correlatas, pois, mesmo se utilizando de técnicas produtivas avançadas, pode ocorrer que alimentos processados não sejam nutritivos como prometem ser.

Palavras-chave: Alimentação; Capitalismo; Consumismo; Dialética Social; Hábitos Alimentares

#### Resumén

Este trabajo presenta estudios iniciales sobre diferencias de alimentación entre clases sociales brasileñas. Objetivando verificar la existencia, o no, de relaciones entre lo que es consumido, y las clases sociales opuestas. A partir de un contexto social dialéctico y teniendo foco en el trabajador, cuestionar sobre qué es comer y beber bien para un trabajador? La investigación pretende comprender la cuestión de la calidad del alimento que se consume en relación a las diferentes clases sociales, consecuencia de la estructura social capitalista. Como metodología, se utilizó el abordaje dialéctico de los hechos, teniendo como herramienta el análisis documental de informes técnicos, artículos de periódicos y libros. A través de este análisis, se buscará observar, en términos nutricionales, si la calidad de los alimentos que los trabajadores ingieren es inferior o no a los alimentos ingeridos por la clase propietaria de los medios de producción. El acto de comer caracterizado también, por el sistema productivo y distributivo del modelo socioeconómico. Por eso, se buscará, también, comprender la razón de la producción significativa de alimentos y de la paradójica existencia del hambre endémica y de la disparidad de acceso a los alimentos por buena parte de los trabajadores. Metodológicamente se supone que es posible establecer si la producción de alimentos es vista sólo como mercancía a ser consumida, o si tiene una finalidad social. En esta misma dirección, se puede verificar la relación posiblemente existente entre la mala alimentación, la desnutrición y las enfermedades a ellas correlacionadas, pues, incluso si se utilizan de técnicas productivas avanzadas, puede ocurrir que alimentos procesados no sean nutritivos como prometen ser.

Palabras-clave: Alimentación; Capitalismo; Consumismo; Dialéctica Social; Hábitos Alimentares

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

### Abstract

This study presents initial studies on feeding differences among Brazilian social classes. Aiming to verify the existence, or not, of relations between what is consumed, and the opposite social classes. From a dialectical social context and focusing on the worker, will we question what it is to eat and drink well for a worker? The research aims to understand the question of the quality of food that is consumed in relation to different social classes, a consequence of capitalist social structure. As a methodology, the dialectical approach of facts was used, having as a tool the documentary analysis of technical reports, periodicals and books. Through this analysis, it will be sought to observe, in nutritional terms, whether the quality of food that the workers ingest is inferior or not to the food ingested by the class owning the means of production. The act of eating also characterized by the productive and distributive system of the socioeconomic model. Therefore, we will also try to understand the reason for the significant production of food and the paradoxical existence of endemic hunger and the lack of access to food by many workers. Methodologically it is assumed that it is possible to establish if the production of food is seen only as a commodity to be consumed, or if it has a social purpose. In the same direction, the relationship between malnutrition, malnutrition and related diseases can be verified, because even if using advanced production techniques, processed foods may not be as nutritious as they promise to be.

Keywords: Food; Capitalism; Consumerism; Social Dialectics; Eating Habits

## 1 Introdução

De acordo com o materialismo dialético, as classes sociais estão ligadas diretamente ao conceito de sociedade. Existem as classes dominantes e aquelas que são dominadas. Essa condição social reflete diretamente no modo de vida dos indivíduos e na maneira como eles constroem suas subjetividades. Este caminho perpassa também, as formas desiguais de acesso a alimentação e, especificamente, a existência de classes que produzem para que outras consumam. A maneira como os hábitos sociais comportam-se, ressalta ainda mais esta divergência entre as classes. É possível perceber as falhas nesta organização social, e como ela torna mais complexa e desorientada uma necessidade vital como a alimentação.

Neste sentido, no sistema capitalista, impõe-se uma ordem para que seja produzida uma quantidade de alimentos superior àquela necessária para a nutrição das famílias produtoras, ou seja, para a ordem da economia de mercado. A alimentação, então, reflete a dialética social das diferenças entre as classes. A problemática da fome é de saúde pública, ou seja, além de perpassar os problemas sociais, elas acarretam muitos transtornos para a saúde, pois estão interligadas. Possuir bons hábitos alimentares está associado a uma boa saúde, e as condições de saneamento básico estão relacionadas a qualidade dos alimentos.

### Segundo a Organização das Nações Unidas

Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, o direito à segurança, em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. (ONU, 1948).

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

Assim sendo, a alimentação trata das necessidades básicas do ser humano e deve ser relevante como tal. A ação de alimentar-se vai além da nutrição do corpo, é um ato sociopolítico, pois é a partir dele que as pessoas se unem para fazer as refeições e estabelecem relações. Isto percorre desde a escolha do alimento, até sua forma de preparo e seu estilo alimentar está intimamente ligado com fatores sociais e também sensoriais.

A partir dessa necessidade fisiológica, o homem foi criando o hábito de caçar para a sobrevivência e, no decorrer desse trajeto, foram moldando-se as primeiras noções de sociedade. O alimento foi modificando-se e transformando sua função de suprir a necessidade nutricional, dando lugar a uma cadeia alimentar e suas ramificações. Com o tempo, os recursos alimentares atravessaram barreiras e deixaram de ser apenas uma necessidade, tornando-se mercadorias.

Isso é perceptível na fetichização da mercadoria e na sua relação com o modo como as pessoas se alimentam. Para Marx (2012) “os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo isso de fetichismo” (p. 94).

Entre os diversos caminhos que a alimentação atravessa estão, desde a sua importância vital, a sua relação direta com o modo de produção capitalista, até o seu impacto e suas consequências socioculturais, ocasionando a reestruturação de diversos hábitos.

Assim, esse trabalho pretende apresentar um estudo exploratório reflexivo sobre as diferenças de alimentação entre classes sociais. Considerando-se a ideia de classes propostas pelo materialismo dialético, buscar-se-á refletir sobre questões relativas a melhoria nos hábitos alimentares e na qualidade de vida dos trabalhadores.

## **2 Metodologia**

Esta pesquisa apresenta uma abordagem dialética. O fato a ser analisado é a questão das diferenças apresentadas pela alimentação das classes sociais, como decorrentes das contradições econômicas existentes entre elas. Para esta análise utilizou-se, como referência, teóricos marxistas que investigaram a temática sobre a alimentação das diferentes classes sociais. O estudo apresenta de maneira investigativa, alguns conceitos que reforçam a luta de opostos, por meio de registros e relatos em livros e artigos.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

### 3 Desenvolvimento

A arte da alimentação envolve todos os sentidos, sendo o olfato considerado o sensor do apetite. Segundo o sociólogo francês Letourneau (1999) citado por Ornellas (2000), é possível determinar as fases evolutivas de um grupo étnico, desde seu estágio primário, até o mais elevado grau de aprimoramento técnico cultural, relacionando a alimentação com o refinamento do gosto, da cultura e da riqueza. No entanto, essa relação atingiu seu ápice, levado ao excesso e ao exagero, provocando reflexões acerca dos hábitos alimentares que defendiam que, quanto mais intelectualizado era um indivíduo, mais discriminativo e mais exigente era seu paladar.

Compreende-se como grupo intelectualizado, as classes social e economicamente dominantes, as quais têm acesso a alimentos cujos valores de mercado são elevados. Importante, também, é relacionar as questões alimentares com o contexto político social, pois, mesmo entre os povos mais antigos, comia quem mais tinha, fazendo do acesso ao alimento uma questão de poder.

Pensando na origem dos alimentos, o solo que o produz também se esgota, podendo ser atacado por animais daninhos e insetos. A moderna tecnologia utiliza adubos químicos e pesticidas para aumentar e perpetuar a produtividade o que, se por um lado aumenta o volume e melhora esteticamente o produto, por outro pode afetá-los por contaminação, exigindo cuidados e fiscalização.

O ideal de que o trabalho é capaz de alimentar a todos os indivíduos é corrompido, pois, o capital e sua lógica destruidora com a produção desenfreada de alimentos, cuja qualidade é cada vez mais questionável, pobre em nutrientes, causa grande desgaste no solo e no ecossistema de diversas formas. Por este caminho, perpassa a luta de classes tentando sobreviver e suprir suas necessidades. O psicólogo soviético Leontiev, complementa esta ligação entre o homem, o trabalho e a alimentação.

o homem recebe o alimento, por exemplo, como objeto de uma atividade [vital consciente] particular – procura, caça, preparação – e ao mesmo tempo, como objeto que satisfaz determinadas necessidades humanas, independentemente do fato do homem considerado sentir ou não a necessidade imediata ou de ela ser ou não atualmente o objeto de sua atividade própria. Consequentemente o alimento [produto do trabalho] pode ser distinguido, entre outros objetos de atividade, não apenas “praticamente”, mas também “teoricamente”, isto quer dizer que ele pode ser conservado na consciência e tornar-se “idéia”. (Leontiev, 2004, p.87)

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

Atualmente, existem diversos movimentos políticos inseridos na alimentação, podendo-se citar o crudivorismo e o veganismo, que postulam uma alimentação sem consumo de produtos de origem animal. De acordo com a Associação Vegetariana Portuguesa, o crudivorismo é a filosofia segundo a qual a maior parte ou toda a dieta de uma pessoa deve ser composta por alimentos não cozidos. A tendência dos crudívoros, nos últimos anos, tem sido a ênfase ao consumo de pelo menos 80% do consumo de comida crua (por volume), em vez de 100%.

Em oposição a essa proposta, o fastfood tem se destacado pela transformação dos hábitos alimentares, em função da praticidade e da agilidade das refeições, sem a promoção de reflexões sobre o que está sendo consumido. As mudanças promovidas por essa nova forma de alimentação e de se fazerem as refeições, contribuiu para a elevação dos índices de obesidade e de graves problemas de saúde, considerando-se a má qualidade dos alimentos consumidos, em sua maioria ricos em gorduras e carboidratos.

Por isso, o movimento slowfood surgiu em oposição ao fastfood, defendendo uma alimentação saudável, a partir do conhecimento de quem produz o que se consome e da valorização da agricultura familiar, estabelecendo relações interpessoais com os responsáveis por prover o alimento consumido.

O movimento slowfood surgiu na década de 1980, na Itália e, a partir de então, tornou-se um movimento internacional, ativo em mais de 150 países e contando com milhares de associados. No Brasil, este movimento é crescente e conta com produtores de todo o país, que lutam em prol de uma alimentação saudável, que respeite as condições do solo e que leve em consideração a sazonalidade e o tempo de desenvolvimento de cada alimento.

A agricultura familiar tem se associado a esse movimento, com a proposta de fornecer alimentos livres de agrotóxicos e de transgênicos, respeitando o meio ambiente, a partir da ideia de coletividade e de sustentabilidade. Tem como objetivo, também, a consideração sobre os ciclos do meio ambiente e a relação direta entre homem e natureza, resultando disso um alimento de qualidade nutricional superior

Considera-se, então, que esses movimentos corroboram com a forma como nos alimentamos e com o conjunto de decisões de cunho social e político presentes no ato de alimentarmos-nos, ou seja, com o privilégio de podermos, ou não, escolher os alimentos. Assim, o poder aquisitivo para possuir determinado alimento, tal como a quantidade de refeições que o indivíduo fará durante o dia, a qualidade do alimento consumido e a posteriori ingerido, indicam a classe social a qual o indivíduo se insere.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

Pode-se observar que, historicamente o consumo de proteínas de origem animal está relacionado a evolução da espécie. Engels, ao analisar, no século XIX, o processo de hominização, já apontava a relação da formação social do homem com suas necessidades biológicas.

A alimentação cárnea ofereceu ao organismo, em forma acabada, os ingredientes mais essenciais para o seu metabolismo. [...] E quanto mais o homem em formação se afastava do reino vegetal, mais se elevava sobre os animais. Da mesma maneira que o hábito da alimentação mista converteu o gato e o cão selvagens em servidores do homem, assim também o hábito de combinar a carne com a alimentação vegetal contribuiu poderosamente para dar força física e independência ao homem em formação. (Engels, 2004, s/p.)

Inegável é a importância do consumo cárneo para o progresso da humanidade. No entanto, seu consumo desenfreado trouxe e continua a causar diversas mudanças na natureza, contribuindo para aumentar o abismo entre as classes sociais. Por isso, a necessidade de refletirmos sobre o exagerado consumo de carne e de produtos de origem animal, seus elevados valores e o fato desses alimentos serem considerados prioridades entre algumas classes. A relação do consumo de proteína animal como principal fonte de energia e o custo deste produto, determina também, a classe social a qual o consumidor insere-se e são exemplos das diferenças sociais presentes nos hábitos alimentares.

Norbert Elias identificava essa questão ao refletir sobre a sociedade europeia do medievo.

A relação com o consumo de carne oscila no mundo medieval entre os dois pólos [...] O consumo de carne pela classe mais baixa, os camponeses, é também com frequência muito limitado – não por necessidade espiritual ou por renúncia voluntária por causa de Deus ou do além, mas por mera escassez. O gado é caro, e por isso mesmo, destinado durante longo período apenas as mesas dos dominantes. (1990, p.125)

Esse dado histórico é um indicativo do quanto os hábitos alimentares podem referenciar as diferenciações de classes.

O Ministério da Educação (MEC, 2007) aponta que a questão religiosa também possui influência nos hábitos alimentares da população brasileira, visto que determinadas religiões permitem o consumo de determinados tipos de carnes, enquanto outras as consideram culturalmente nocivas. Além disso, os chamados tabus alimentares, muitos deles folclores, também influem sobre os hábitos alimentares. Exemplo disso são os riscos à saúde que popularmente são atribuídos a ingestão de alimentos diferentes, como manga com leite. Dentro destes tabus também pode-se observar porque, em algumas religiões é proibido o

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

consumo de carne bovina, e em outros lugares se consome grilos ou carne de gato e cachorro, algo que para determinadas culturas é normal.

Muito embora nutricionalmente o consumo de insetos possa ser benéfico, para a cultura ocidental ele é visto com estranheza e repúdio. A antropoentomofagia, termo usado para definir a ingestão humana de insetos, sobrevive em diversos países desde a antiguidade, mas atualmente é marginalizada ou esquecida pela maior parte da população (LINASSI, 2011), mesmo sendo praticada em mais de 100 países, onde o consumo de insetos é, inclusive, superior ao consumo de carne de gados e aves. Existem muitos produtos comestíveis, porém o que determina o que será tratado e consumido como alimento saudável e socialmente aceito são fatores culturais tradicionais e econômicos. Comer também é um ato social, haja vista as relações entre indivíduos em volta de uma mesa para realizar suas refeições, ou a maneira como eram feitos os banquetes nos palácios medievais e o fato de que qualquer cerimônia relevante, envolvia refeições. Elias (1990, p. 124) reflete sobre a comensalidade: “Embora os fenômenos humanos – sejam atitudes, desejos ou produtos da ação do homem – possam ser examinados em si, independentemente das suas ligações com a vida social, eles, por natureza, nada mais são que concretizações de relações e comportamento, materialização da vida social e mental”.

Nessa perspectiva, é possível reforçar como a temática alimentar é perpassada pelas práticas sociais e culturais de cada sociedade, estando intimamente ligada a fatores objetivos e subjetivos. A variedade de hábitos alimentares, numa esfera global, tem em comum a necessidade da saciação do corpo e da mente. Todavia, a problemática da fome evidencia a contradição entre quem pode comer por prazer e escolher seu alimento, e quem não tem a opção de sequer se alimentar de forma digna.

#### **4 Considerações finais**

A forma como a indústria manipula as informações em detrimento de um ou de outro produto e os mecanismos midiáticos usados para gerar o desejo de consumo, produzem a fetichização sobre certos alimentos. Direciona os desejos alimentares para produtos que muitas vezes não são saudáveis e que, a longo prazo, podem causar doenças. Em geral a mídia mostra o alimento de forma apelativa, associando-o ao prazer e não estimulando a reflexão sobre a sua composição química ou nutricional, por exemplo.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabriellemizu@gmail.com](mailto:gabriellemizu@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

Em decorrência disso, se faz necessário trabalhar e aplicar uma educação alimentar que promova a consciência em relação a hábitos saudáveis, os quais poderão melhorar a qualidade de vida e influir na sustentabilidade, sabendo-se que quanto mais alimentos industrializados forem produzidos/consumidos, maior será o impacto para o ambiente.

A educação nutricional tradicional tem se concentrado nos efeitos dos nutrientes sobre a população e como são armazenados e preparados os alimentos. Mas a nutrição também depende do acesso a alimentos e, portanto, precisa incluir os indivíduos como produtores e partícipes de relações sociais desiguais. Na maioria das sociedades contemporâneas, inclusive naquelas onde muitos passam fome, existe na realidade, um grande potencial para a produção necessária de alimentos. No entanto, a distribuição da produção, a libertação dos potenciais e a maneira como se dá o controle sobre os recursos produtivos são definidos pelo modo de produção no qual a sociedade está inserida (Valente, 1986).

Ao final da década de 1960, a Organização das Nações Unidas (ONU) concluiu que a fome era um dos problemas mais alarmantes a ser combatido no mundo. No período do pós-Segunda Guerra Mundial, foram introduzidas nos países subdesenvolvidos, novas técnicas agrícolas, provindas de países industrializados. Era a “Revolução Verde” a defender a utilização de sementes, fertilizantes, pesticidas e o uso de variedades genéticas dependentes de insumos químicos. Esta revolução mudou estrategicamente a forma de distribuir e conservar os alimentos. No entanto, estas medidas não resolveram a questão da fome e, tampouco melhoraram a qualidade dos alimentos. Antes sim, contribuíram para impulsionar a indústria de alimentos, os quais passaram a ser produzidos de forma exacerbada e, devido a utilização de fertilizantes e pesticidas, tiveram seu tempo de vida útil prolongado.

De acordo com a Food and Agriculture Organization (FAO), enquanto 842 milhões de pessoas sofrem de fome crônica no mundo, outras morrem ou sofrem os efeitos nocivos de uma nutrição inadequada causadas pela produção capitalista. Cerca de 2 bilhões de pessoas são afetadas pela deficiência de micronutrientes, cerca de 7 milhões de crianças morrem antes do seu quinto aniversário todo ano, enquanto que 162 milhões de crianças menores de cinco anos são raquíticas.

A partir destas informações, observa-se um paradoxo: quanto mais tecnologia é aplicada a produção de alimentos, maior é o número de indivíduos sem acesso a uma alimentação digna. Ainda segundo a FAO, as causas da nutrição inadequada são muitas e estão intimamente relacionadas as limitações fundiárias, sanitárias e culturais. No entanto, a causa principal da fome é a pobreza. Nos países pobres, a concentração de riqueza e poder nas

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

mãos de uma pequena parcela da população, acentua a situação de má alimentação e de problemas de saúde. A indústria tem papel importante para aumentar o abismo entre alimentos de qualidade e de alimentos processados, pois os produtos mais disponíveis no mercado, aqueles de fácil acesso, são os de menor qualidade nutricional e, portanto, de menores preços. Isto apenas faz crescer os índices de obesidade, principalmente na infância, pois essa é a fase da vida em que se deveria adotar valores alimentares nutritivos e variados. Para tanto, Valente ressalta a importância do educador profissional da área alimentar, ao afirmar que

num país com sérias intenções de equacionar o acesso aos recursos, geralmente um número de organizações populares dirigidas por partidos políticos, ou grupos de interesses específicos, que são usadas para desenvolver a população através da educação informal. O educador nutricional descobrirá tais organizações populares junto a instituições de educação formal e meios de comunicação são bons recursos para a promoção de informações em nutrição. Em nível social mais amplo, o educador nutricional deveria ser encorajado a influenciar a política econômico-social em direção a mudanças que promovam o bem-estar social. (1986, p. 21)

Tais reflexões só reforçam a ligação entre as desigualdades sociais e a distribuição de alimentos. Interesses políticos e econômicos mantêm este ciclo de domínio, com a indústria oferecendo alimentos que, muitas vezes, não contemplam nutricionalmente as necessidades humanas, mas seu baixo custo e praticidade fazem deste alimento os mais consumidos.

O conceito de alimento-mercadoria é compreendido a partir de Marx (2011), quando este faz referência a economia de subsistência. A partir do momento em que o homem passa a produzir além das suas necessidades, se condiciona ao mercado, vende sua produção e, conseqüentemente seu trabalho, para que outro, com maior poder aquisitivo, consuma. Valente corrobora com Marx, ao afirmar que

A fome/desnutrição, portanto, não seria, dentro desta abordagem o resultado “natural” da interação de uma multiplicidade de fatores com um hospedeiro. Seria, isto sim, a manifestação em nível do corpo da classe trabalhadora da exploração econômica e conseqüente privação social a que ele é submetido sob o modo de produção capitalista. Portanto, a fome/desnutrição tem uma história social e é somente através do entendimento desta que poderemos efetivamente erradicar a fome. (VALENTE,1986, p. 77)

Essa explicação reforça o paradoxo entre a produção exacerbada de alimentos, e a miséria e a fome que assolam uma parte significativa da população mundial, relação ilógica, mas enraizada na sociedade contemporânea pelo sistema produtivo capitalista. Possivelmente esta temática encontraria alguma alternativa se a educação nutricional fosse abordada, pois os projetos pedagógicos da educação básica e mesmo dos cursos superiores da área alimentar,

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [gabrielleminuzi@gmail.com](mailto:gabrielleminuzi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; [roselenepommer@ctism.ufsm.br](mailto:roselenepommer@ctism.ufsm.br)

em sua maioria, não abordam a necessidade de saber se alimentar, condicionando-se aos ditames do mercado.

As problemáticas que envolvem as questões alimentares são complexas e vão desde o desperdício dos alimentos, ao saneamento básico e ao tratamento da água, elementos básicos para fazer qualquer refeição. Para superá-las, são necessárias novas formas de conter os excessos e, de outra parte, o desenvolvimento de políticas públicas que permitam a todos os indivíduos o acesso a alimentos de qualidade.

No caso brasileiro, abordagens sobre questões alimentares expõem os conflitos entre classes sociais de interesses opostos: trabalhadores que vivem do seu trabalho e proprietários dos meios de produção. Observa-se daí, que o campo alimentar evidencia uma maioria trabalhando para manter a poucos, inclusive à mesa. A pesquisa realizada pretendeu refletir sobre essa distinção, ou seja, a distinção entre alimentação, sua qualidade e variedade, e como os fatores sociais e econômicos estão diretamente associados à distribuição e o acesso ao alimento.

### Referências

ALIMENTO MERCADORIA. Saúde Soc. São Paulo, n.2, p.505-515, 2016.

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n2/1984-0470-sausoc-25-02-00505.pdf>  
Acesso em 02 out. 2018.

ASSOCIAÇÃO VEGETARIANA PORTUGUESA. *21 novas dietas veganas crudívoras.*

Disponível em: <https://www.avp.org.pt/nutricao-e-saude/dietas-veganas-crudivoras/>. Acesso em: 07 out. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. *Alimentação e nutrição no Brasil.* Disponível em

<https://www.mec.gov.br/>. Acesso em 03 out. 2018.

ENGELS, Friedrich. *O Papel do Trabalho na Transformação do macaco em Homem.*

Disponível em <https://www.historianet.com.br/>. Acesso em 07 jan. 2019.

Food and Agriculture Organization of the United Nations. Disponível em

<http://www.fao.org/home/en/>. Acesso em 05 out. 2018.

LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo.* Tradução de Hellen Roballo. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

LINASSI, R. *Antropoentomofagia: alimentação exótica ou alternativa?* Disponível em:

<http://www.waldemarguimaraes.com.br/2011/06/12/>. Acesso em 10/10/18.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; gabriellemizu@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; roselenepommer@ctism.ufsm.br

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*: livro I. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

*O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/>. Acesso em: 07 out. 2018.

NORBERT, Elias. *O processo civilizador*. Ed.1994. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ROMEIRO, E. T; OLIVEIRA, I, D; CARVALHO, E. F. *Insetos como alternativa alimentar*. Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade Vol. 4 no 1 – setembro de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac. Disponível em [http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2015/10/54\\_CA\\_artigo\\_ed\\_Vol\\_4\\_n\\_1\\_15\\_2.pdf](http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2015/10/54_CA_artigo_ed_Vol_4_n_1_15_2.pdf). Acesso em: 30 set. 2018.

Slow Food Brasil. *A revolução com os alimentos*. Disponível em <https://www.slowfoodbrasil.com/textos/noticias-slow-food/459-a-revoluo-com-os-alimentos-slow-food-itlia-comemora-25-anos>. Acesso em:05 out. 2018.

VALENTE, F. L. S. *Fome e desnutrição, determinantes sociais*. Ed.1986. São Paulo: Cortez,1986.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; gabriellemizu@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em História – PPGEPT/UFSM; RS; Brasil; roselenepommer@ctism.ufsm.br